



**LINGUAGEM, CORPO E
ESCOLA: A INSERÇÃO DA
METODOLOGIA DE ENSINO
ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS
CORPORAIS**

Sandra Salete Neuberger
DÖRNER,
Jorge BOTH e
Iolanda Emília de AGUIAR
UNIOESTE/GEPEFE



O QUE É LINGUAGEM CORPORAL

O ser humano é uno, indivisível, não fracionado. Ele sente, percebe e expressa através do seu corpo que é veículo e meio de comunicação com o mundo. Pela sensibilidade e percepção, podemos detectar a linguagem que o corpo produz como sentir emoções, vontades, decidir, explorar e agir. O educador em atividades físicas tem o privilégio de trabalhar com corpos em movimento que transmitem a sensação de liberdade do pensamento e da expressão. O corpo sente, expressa, comunica, cria e significa e no foco das atenções é utilizado pelo sistema publicitário, manipulado, reduzido a forma de mercadoria. A sociedade moderna tem distanciado a participação deste na comunicação. A espontaneidade e a expressividade corporal são menores, o corpo vive num contexto social onde interage e modifica a realidade, e, esta por sua vez atua sobre ele, influenciando e direcionando sua forma de pensar, sentir e agir (GONÇALVES, 1994).

Movimentos corporais expressivos tem como indicadores a velocidade da fala, o tremor da voz, a postura, o gesto, a expressão facial entre outros que são características próprias da comunicação não verbal vistas no esporte, na dança, no teatro, na mímica, etc.

Sempre soubemos que as posturas, as atitudes, os gestos e sobretudo o olhar exprimem melhor do que as palavras as tendências e pulsões, bem como as emoções e os sentimentos da pessoa que vive numa determinada situação, num determinado contexto. (VAYER, 1985).

A linguagem apóia o processo comunicacional em uso na sociedade, porém, encontramos obstáculos à expressão pessoal como os de ordem fisiológica: surdez, mudez, defeitos de pronúncia devidos a má formação física; de ordem psicológica: timidez, bloqueios, distúrbios mentais de sensações que não se consegue explicar; e de ordem linguística: aprendizagem insuficiente e vocabulário pobre.

A ESCOLA E AS FORMAS DE LINGUAGEM CORPORAL

Através dos tempos, o corpo foi negado e tornou-se símbolo do pecado e das coisas mundanas que há em nossa sociedade. No que diz respeito a formas de linguagem o mesmo teve uma série de restrições na escola, levando o aluno a ver uma pedagogia do “traseiro”, através dos métodos tradicionais de ensino. (FREIRE, 1987).

Mas WEILL (1995), escreve que o corpo também é uma fonte de expressão que sente, age. Para ele, as comunicações não-verbais estão caracterizadas através de quatro formas de comunicações, que são:

- **Mímicas:** gestos expressados pelas mãos, do corpo, da face. Exemplo: caretas;
- **Olhares:** são expressões que advém do olhar, onde essa expressão é fonte de comunicação com outra pessoa. Exemplo: a troca de olhares de um casal;
- **Posturais:** a postura pode passar uma mensagem do que o corpo está sentindo. Exemplo: uma pessoa curvada dá a impressão cansaço;
- **Conscientes e inconscientes:** no momento em que estamos falando podemos descaracterizar o que queremos expressar através da expressão verbal. Exemplo: dizer que é uma pessoa calma e ao mesmo tempo roer as unhas.

Assim como podemos perceber o corpo é uma fonte de expressões corporais, sendo que o mesmo deve viver o mundo através de suas manifestações no meio ambiente em que está inserido, não vivendo a pedagogia do “traseiro” que a sociedade nos impõem. Devemos também ter cuidado no que refere-se ao meio escolar, pelo fato de que o mesmo é um local apropriado para o ser humano no que condiz a aprendizagem do expressar-se para o mundo.

A LINGUAGEM E O PROCESSO DE INFORMAÇÃO NA INFÂNCIA

Considerando o processo de aprendizagem e o desenvolvimento global na infância, faz-se necessário que nós, enquanto pais e educadores, conheçamos a seqüência destes processos, já que a criança necessita de orientação adequada. Só assim estaremos atendendo as reais necessidades e expectativas dos infantes.

MATTOS e NEIRA (1999), enfatizam a importância de se conhecer a criança sobre todos os seus aspectos, com ênfase nos domínios cognitivos e o afetivo-social, devido à dificuldade de se elaborar um trabalho voltado à estes objetivos.

HASSENSTEIN (1977) fala que as crianças que não tiveram os devidos cuidados na fase do 2ª ao 18ª mês (afeto, segurança, troca de pessoas nos cuidados com o bebê) podem apresentar retardo de vários anos no desenvolvimento da linguagem, da motricidade e do brincar.

Conforme LE BOULCH (1988 p.13): “A educação psicomotora concerne uma formação de base indispensável a toda criança quer seja normal ou com problemas”. Responde a uma dupla finalidade: assegu-

rar o desenvolvimento funcional tendo em conta possibilidades da criança e ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercâmbio com o ambiente humano.

Segundo FREIRE (1987, p 81), *“não se passa do mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal. A criança transforma em símbolos aquilo que pode experienciar corporalmente”*.

VELASCO (1996) diz que a realidade infantil é constituída a partir da magia. O jogo, as brincadeiras e o faz-de-conta para as crianças são como os sonhos para os adultos. Quando a criança brinca é coisa séria, é como a criança constrói a si mesma, a sua identidade e o mundo que a rodeia. A autora ainda complementa que o infante que vive a seu “mundo” de criança, no futuro tornar-se-á um adulto equilibrado, assim suportando as situações reais de cada dia, e também terá maior facilidade de solucionar problemas através da criatividade vivenciada na infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança deve aprender na escola através da linguagem da ação, fazendo e não simplesmente através de conceitos verbais repetidos oralmente ao longo das horas, obrigatoriamente ouvindo sentada e quieta em sua carteira. A alegria pode e deve fazer parte do aprender, logo terá significado a aprendizagem, pois brincar é uma característica natural da criança que exige da mesma a atenção tão almejada pelos educadores.

Assim, a função do profissional da educação é de buscar meios para que o aluno tenha oportunidades de viver e aprender através da linguagem corporal, e fazendo com que o discente tenha consciência que o corpo não é o fim, mas sim um meio de expressão, como a fala e a escrita.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione. 1987.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus. 1994.

HASSENSTEIN, B. O especificamente humano segundo os resultados da etologia. In GADAMER; VOGLER (Org.). **Nova Antropologia**, v. 2, 1977.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 meses.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1988.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física infantil: construindo o movimento na escola.** Guarulhos: Phorte. 1999.

VAYER, P. **Educação psicomotora e retardo mental.** São Paulo: Manole. 1985.

VELASCO, C. G. **Brincar: o despertar psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprint. 1996.

WEILL, P. **Relações humanas na família e no trabalho.** Petrópolis: Vozes. 1995.